

Elogio da Constituição Ateniense*

Péricles

“Em primeiro lugar, começarei pelos nossos maiores. É justo, de facto, e conveniente conferir-lhes, em ocasião como esta, a honra de os recordar. Esta terra, foram sempre os mesmos habitantes que, através das gerações, a foram entregando uns aos outros, mantendo-a livre, graças ao seu valor. Dignos de elogio são esses, mas ainda mais a geração que nos precedeu. Foi ela que, ampliando a herança recebida, adquiriu o império de que dispomos, e o transmitiu à geração actual, não sem grande esforço. Porém, a maior parte do seu poder, fomos nós, que agora estamos na força da idade, que lha acrescentámos, e que preparámos a cidade para tudo, tornando-a auto-suficiente para a guerra e para a paz. Quanto aos seus feitos bélicos, pelos quais se adquiriu cada uma das nossas possessões, ou ao modo como nós ou os nossos pais repelimos energicamente a invasão bárbara ou grega, como não quero alongar-me sobre tema já conhecido, passarei adiante. Indicarei, porém, primeiro que tudo, qual a prática que nos levou a esta situação de poderio, e com que regime político e que normas se produziram tamanhos resultados, e depois procederei ao seu elogio; entendo que, nas presentes circunstâncias, não será descabido fazê-lo, e que será útil que o escute toda a assistência de cidadãos e estrangeiros.

*Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, Livro II, XXXVI-XLII. A tradução é tirada de *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, de Maria Helena da Rocha Pereira, Coimbra-1982, pgs 294-298

O regime político que nós seguimos não inveja as leis dos nossos vizinhos, pois temos mais de paradigmas para os outros do que de seus imitadores. O seu nome é democracia, pelo facto de a direcção do Estado não se limitar a poucos, mas se estender à maioria; em relação às questões particulares, há igualdade perante a lei; quanto à consideração social, à medida em que cada um é conceituado, não se lhe dá preferência nas honras públicas pela sua classe, mas pelo seu mérito; tão pouco o afastam pela sua pobreza, devido à obscuridade da sua categoria, se for capaz de fazer algum bem à cidade.

Administramos livremente os assuntos da comunidade, bem como o que toca à mesquinha e recíproca observação da vida quotidiana, sem estarmos encolerizados com o próximo, se faz alguma coisa a seu bel-prazer, e sem lhe lançar no rosto censuras que não são um castigo, mas que importunam. Mas, ao passo que vamos vivendo a nossa vida particular sem causar-mos incómodos, na nossa vida pública, temos receio de fazer transgressões, pois damos ouvidos aos que se conservam no poder e às leis, especialmente àquelas que foram estabelecidas para socorro dos oprimidos e às que, mesmo sem serem escritas, causam em quem as transgredir uma vergonha que todos reconhecem.

Além disso, pusemos à disposição do espírito muitas possibilidades de nos repousarmos das fadigas. Temos competições e sacrifícios tradicionais pelo ano fora, belas casas particulares, cujo encanto próprio expulsa dia a dia os aborrecimentos. Devido à grandeza da cidade, afluem aqui todos os produtos da terra inteira, e acontece que disfrutamos dos bens locais com não menos familiaridade que dos outros países.

Distinguimo-nos dos nossos adversários, no que respeita a assuntos bélicos, no seguinte: franqueamos a todos a nossa cidade, e não há ocasião alguma em que, numa proscricção de estrangeiros, cerceemos seja a quem for qualquer oportunidade de aprender ou de ver um espectáculo, cuja observação pudesse ser útil a algum inimigo, se não lho ocultássemos.

Não confiamos mais nos preparativos e nas ciladas do que na coragem que brota de nós mesmos para a acção.

E, na educação, os outros, logo desde a juventude, praticam exercícios penosos, procurando alcançar a força viril; nós, porém, que levamos uma vida sem constrangimento, não corremos com menos ardor ao encontro de perigos à altura das nossas forças. Eis uma prova deste facto: os Lacedónios sozinhos não fazem uma expedição ao nosso território, mas somente com todos os seus aliados, ao passo que nós sem dificuldade invadimos o dos outros, e em terra alheia vencemos a maior parte das vezes os que defendem o seu próprio país. Jamais a um inimigo se depararam as nossas forças reunidas, por estar uma parte delas empregada na marinha, outra em terra, enviada em empresas múltiplas. Mas, se acaso se deparam com uma das parcelas, e supram alguns dos nossos, logo se vangloriam de nos pôr todos em fuga; e, se somos nós que vencemos, afirmam que foram derrotados pela totalidade das nossas forças. Se, pois, com mais despreendimento do que esforço, e com uma energia mais derivada dos nossos hábitos do que prescrita pelas leis, quisermos expor-nos ao perigo, sucede-nos que não padecemos antecipadamente as dores que estão para vir, e, quando chega a ocasião, não nos mostramos menos corajosos do que os que vivem em contínuo estado de esforço. Por isto é a cidade digna de admiração, e por outras razões ainda.

Amamos o belo com simplicidade e prezamos a cultura sem moleza. Servimo-nos da riqueza mais como meio de trabalho do que como objecto de presunção oratória, e a pobreza não é tida por vergonha, mas mais vergonhoso é não a evitar, trabalhando.

Os mesmos indivíduos cuidam das questões familiares e das políticas, e a outros, aos que se dedicam aos seus ofícios, não falta um conhecimento suficiente dos assuntos públicos. Somos os únicos que entendemos que quem não compartilha de nenhuma destas preocupações não é indiferente, mas sim

inútil, e por nós julgamos as questões públicas, ou, pelo menos, estudamo-las convenientemente, não por pensarmos que as palavras prejudicam a acção, mas sim que é mais nocivo não ensinar primeiro pela discussão, antes de chegar de chegar o tempo de actuar. Diferentemente dos outros, temos ainda a norma de ousar o máximo, mas reflectir profundamente sobre a empresa a que nos votamos. Enquanto que aos outros a ignorância traz a coragem, e o cálculo acarreta a hesitação. Com razão se podem julgar mais corajosos os que conhecem com toda a clareza os riscos e prazeres e, por causa deles, não se alheiam do perigo. Também na generosidade de conduta somos o oposto da maioria. Não é por recebermos benefícios dos amigos, mas por lhes fazermos bem, que os conservamos. O benfeitor é um amigo mais firme, porque está mais empenhado em conservar o favor em débito, pela sua benevolência para com aquele a quem o concedeu. O agraciado, por sua vez, mostra-se mais cordato, sabendo que pagará o favor, não por gentileza, mas para satisfazer uma dívida. E somos os únicos que ajudamos alguém, não tanto com a mira nas vantagens, como com a confiança própria de homens livres.

Em resumo, direi que esta cidade, no seu conjunto, é a escola da Grécia, e cada um de nós em particular, ao que me parece, se mostra mais apto, para as mais variadas formas de actividade e para, com a maior agilidade, unida à graça, dar provas da sua perfeita capacidade física. É a própria força da cidade que, em virtude destas qualidades, que possuímos, bem demonstra como o que acabo de dizer não é um discurso forjado para estas circunstâncias, mas a verdade dos factos. Sozinha dentre as que existem, é posta à prova e mostra-se superior à fama que possui, é a única que, quando invadida, não causa irritação ao inimigo pelo carácter dos que o derrotam, nem censura aos que ficam submetidos, por serem governados por homens indignos. Grandes são as provas do nosso poderio, e nenhuma por documentar; seremos pois admirados pelos presentes e pelas gerações futuras; não careceremos de

um Homero como encomiasta, nem de ninguém que deleite de momento com os seus versos, mas cuja ficção arbitrária dos factos virá a ser desmentida pela verdade. Mas forçámos todo o mar e toda a terra a ser permeável à nossa audácia e erigimos em toda a parte padrões eternos de derrotas, como de vitórias.

Foi por uma cidade assim que pereceram nobremente em combate os que julgaram não dever consentir que os privassem dela. E os que ficaram é natural que queiram também sofrer por uma causa.

Eis a razão por que me alonguei ao falar da nossa cidade, explicando que o nosso combate não é por motivos iguais para nós e para aqueles que não possuem idênticos privilégios, e fazendo publicamente, com provas, o elogio daqueles em cuja honra falo agora.

Proclamara-se já as suas mais excelsas qualidades. Os feitos destes homens e outros assim é que adornaram a nossa cidade com as qualidades que nela celebrei, e não seria em muitos dos Helenos que a fama estaria na proporção das acções, como neste caso. Entendo eu que o fim que acabam de ter estes homens, primeiro revelando-se, e por último afirmando-se, demonstra bem a sua coragem varonil. E é justo que, para compensar outras fraquezas, se exalta o seu denodo a lutar pela pátria contra os inimigos. Apagando o mal com, maior foi o seu préstimo em comum do que o prejuízo que possam ter causado na sua vida particular.

Nenhum destes se deixou amolecer pela riqueza, preferindo continuar a gozá-la, nem recuou ante o perigo, na esperança de evitar a pobreza, se lhe escapasse, e de poder enriquecer ainda. Consideravam que a vingança sobre os seus adversários era mais desejável do que a opulência, e entenderam que isso se sobrepunha ao risco. Por isso deliberaram castigar assim os inimigos, e abandonar tudo o mais, confiando à esperança a incerteza da vitória, mas, na acção, perante a realidade já iminente, seguros de si mesmos. E, no próprio combate, en-

tenderam que era mais belo lutar e sofrer do que salvarem-se, entregando-se. Assim evitaram a vergonha da fama que lhes adviria, aguentaram o seu posto com os seus corpos, e partiram desta vida no breve instante do transe decisivo, nas culminâncias da expectativa, mais da glória do que do temor.”